

DOI:10.4025/5cih.pphuem.0206

### **Fotografia e Memória Local: uma experiência em sala de aula.**

Cleusi Teresinha Bobato Stadler<sup>1</sup>

Resumo: O presente artigo vem destacar alguns enfoques de estudos, referentes à participação no Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação do Estado do Paraná – PDE 2009, através da implantação de um projeto de pesquisa, uma unidade didática e a elaboração de um artigo científico. Este trabalho procura contemplar a produção do saber histórico em sala de aula, destacando a participação do aluno como sujeito do processo educativo. Utiliza a fotografia como fonte histórica principal e fundamenta-a com outros demais documentos escritos e fontes orais. Evidencia-se o aspecto histórico das imagens imbituvenses, identificando nelas suas representações. Através da análise da fotografia como metodologia de ensino no conteúdo História Local e sua utilização como fonte documental no espaço escolar, o objetivo principal foi refletir a utilização da imagem fotográfica na recuperação da memória familiar e local, com destaque para o tema Imigração Italiana – Colônia Bella Vista. Desta forma, comprovamos que através do trabalho com os alunos na análise de fotografias podemos sim priorizar a história local, a memória e identidade de uma cidade, mas é a História que terá como finalidade transformar essas informações em saber elaborado, em conhecimento científico.

Palavras-chave: Fotografia; Memória; História Local; Imigração; Ensino de História.

*“Toda fotografia tem atrás de si uma história;  
é este o enigma que procuramos desvendar”.*  
(Bóris Kossoy).

## 1. Introdução

O presente artigo vem destacar alguns enfoques de estudos, referentes à participação no Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação do Estado do Paraná – PDE 2009, através da implantação de um projeto de pesquisa, uma unidade didática e a elaboração de um artigo científico.

Visando aproximar para o aluno, a história de sua realidade, foi pensado o tema - *A Fotografia e a Memória Local, relacionando a Imigração Italiana*. A influência dos imigrantes italianos é sentida em Imbituva, com a criação da Colônia Bela Vista, a Colônia Boa Vista, a produção de erva-mate e madeira, a construção da Igreja Matriz e muitas outras construções. O esforço para entendermos o crescimento da cidade com a chegada desses novos moradores é importante para pensarmos no município de hoje. Que mudanças e permanências percebemos? O que era Imbituva no final do século XIX e início do século XX? Qual a contribuição dos imigrantes italianos para o desenvolvimento da cidade?

Portanto, a pesquisa buscou refletir sobre os métodos de utilização da imagem fotográfica na recuperação da memória local. Esta se realizou por meio de uma experiência de trabalho, com o tema: *Conjugação entre ensino e fotografia - utilização da fotografia em sala de aula, como proposta alternativa de ensino-aprendizagem, através do tema imigração italiana, aplicado com 40 alunos da 7ª série do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual “Alcides Munhoz”, cidade de Imbituva/Pr.*

Como Imbituva não possui nenhum centro de resgate histórico, nem edificações, manifestações populares, hábitos e tradições, os alunos sempre manifestaram que *“Imbituva é uma cidade sem memória”*. Dessa forma, se tornou necessário propor alternativas metodológicas viáveis para despertar neles o interesse pela disciplina de História e pelo resgate da memória histórica de sua cidade. Segundo STADLER (2005, p. 4), *“Imbituva possui um reduzido número, ou quase nada, de pesquisas escritas a respeito de sua formação como cidade”*. Essa dificuldade de acesso a materiais bibliográficos, pesquisas e abordagens sobre a cidade de Imbituva e da Imigração Italiana nos Campos Gerais contribuiu para despertar o interesse em recuperar as histórias que envolveriam as fotografias familiares de imigrantes italianos, em tempos e espaços diferentes, pois a Imigração Italiana foi predominante na formação e desenvolvimento do então município recém-formado.

As Diretrizes Curriculares para o ensino da História propõem a valorização da História Local e Regional, ou seja, o estudo da História do Paraná. Isso justifica a escolha da temática que trata das relações entre *memória, fotografia e identidade social no contexto da Imigração Italiana em Imbituva*, no desenvolvimento desta pesquisa.

Com o objetivo de propiciar aos alunos a formação da consciência histórica, optou-se pelas contribuições das correntes da Nova História Cultural e Nova Esquerda Inglesa como referencial teórico. Para trabalhar o tema fotografia, o referencial teórico se fundamenta principalmente em Bóris Kossoy e Ana Maria Mauad e para o tema Imigração Italiana em Imbituva, os estudos realizados pelos autores Susete Moletta, Antônio Sérgio Palú Filho e Cleusi T. B. Stadler.

### 1.1 A Fotografia como “Lugar de Memória” na História Local

A fotografia surge em 1826, mas é a partir de 1860 que passa a ter uma grande aceitação como possibilidade inovadora de informação e conhecimento. Ela tem registrado

casamentos, nascimentos, romances, bodas, aniversários, enfim, a história do cotidiano, como também, os acontecimentos da política e da história nacional e mundial.

“As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou.” (KOSSOY, 2001: 32).

A fotografia se constitui em importante fonte, para se registrar a expressão das vontades, das aspirações, das realizações, ou seja, da história de cada povo. São as fotos que ajudam a contar a vida das pessoas, das famílias e o próprio desenvolvimento da cultura ou das transformações que o homem e o tempo impõem sobre o ambiente.

De acordo com MAUAD (2000, p. 132), “a história da fotografia é a história de imagens humanas... as fotografias se cruzam com as lembranças...”. Isto quer dizer que as fotografias podem ser uma mensagem daquilo que o passado quis deixar de legado para as gerações futuras. Elas não congelam momentos vividos, mas interpretam e dialogam com o tempo vivido, traduzindo-o numa linguagem de imagens. Essa imagem visual é caracterizada pela forma como é representado o espaço. E nas trajetórias familiares encontramos o espaço das vivências. As vivências representadas nas fotografias podem ser: cotidiano, lazer, conversas, brincadeiras, chegada do trabalho, encontros descontraídos com crianças, ambientes domésticos, casamentos, batizados, festas, bailes, passeios em parques, praias e outros locais.

As fotografias estão em toda parte, nos incitam a curiosidade, mostrando diferentes momentos e situações da vida em geral, são uma importante fonte histórica que traz elementos da cultura material, costumes, relações sociais e de poder, entre outros. A fotografia nos traz recortes de momentos passados, possibilitando a investigação, o levantamento de informações, quais os elementos representados por ela e o contexto nas quais elas estão inseridas. Mesmo estando atrelada ao estudo dos acontecimentos do passado passa a ser um testemunho do presente, ou seja, divulga os feitos dos homens públicos e o cotidiano dos homens e mulheres de diferentes classes sociais. Para o historiador, a fotografia pode ser considerada um documento histórico que permite investigar como era a vida das pessoas de uma determinada época.

Temos que estar atentos para o fato de que a fotografia não se confunde com a realidade registrada, mas parte dessa realidade, aquilo que o fotógrafo pretendia registrar. Como escreveu KOSSOY (2001, p. 36), “ela é uma representação do real” e também uma possibilidade de construir a realidade, a partir da investigação que fizemos sobre o significado dela como imagem fotográfica e os condicionamentos em que foi produzida.

Quando se utiliza o conjunto iconográfico para investigar a imigração, torna-se importante analisar sob qual perspectiva foi pensada determinada imagem. Nessa ótica, explica SILVA: “Conhecer um pouco e previamente a história da comunidade ou grupo em estudo mostra-se imprescindível para viabilizar a utilização das fotografias durante a pesquisa (...)” (SILVA, 2000, p.142). Dentro deste contexto, o trabalho se realizou com destaque para os aspectos da economia e trabalho, vida cotidiana, política, religiosidade e cultura dos Imigrantes Italianos na região dos Campos Gerais, mais especificamente em Imbituva.

Os conteúdos trabalhados a partir das experiências do aluno são muito importantes porque rompem com o ensino considerado tradicional. Trabalhar com fotografias dos ancestrais é uma forma de levar o aluno a estabelecer vínculos com a família, recriar laços com a mesma e descobrir sua própria história, reviver memórias.

Dentre os vários estudos sobre a memória, os de Jacques LE GOFF e Maurice HALBWACHS contribuíram muito para a compreensão do conceito de Memória e suas relações com o contexto social. Para eles, as memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. Cada um carrega as suas lembranças, mas está o tempo todo interagindo com a

sociedade, seus grupos e instituições. A memória pessoal está diretamente relacionada às memórias dos que o cercam.

Narrar as nossas memórias e de um grupo específico (Imigrantes Italianos) não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação, afinal, memória é trabalho constante no sentido de reviver, refazer, reconstruir, com idéias e imagens as experiências do passado. Para fazer essa reconstrução do passado, o grupo familiar é uma referência fundamental, pois é objeto e espaço para recordações.

A memória das famílias dos alunos, ou do grupo social que os cercam, os costumes e tradições passadas de geração para geração, na vida cotidiana, é que fará os mesmos sentirem-se parte da história, vivenciando a relação dos momentos históricos e a vida concreta de seus antepassados.

Memória e identidade estão intimamente ligadas à história oral. Por meio de entrevistas com pessoas de suas famílias ou de sua cidade, depoimentos e narrativas das famílias dos alunos, propicia-se a possibilidade oferecida pela História Oral de um resgate do cotidiano das pessoas, de um relacionamento maior entre jovens e idosos, valorizando-se os traços culturais locais. Por isso, realizar o estudo da história dos imigrantes italianos em Imbituva, pela história oral e pela fotografia, permitiu identificar as experiências particulares e coletivas dos membros desses grupos, compreendendo o passado através das interpretações que os sujeitos fazem no presente.

A fotografia nos transporta da recordação da memória para o real. Ela propicia relações múltiplas: realidade e representações, passado e presente, sujeitos e observadores. Assim, percebemos as fotos como produto social, ou seja, elas viabilizam o passado e a identidade das relações sociais dos indivíduos.

## 1.2 A Imigração Italiana no Paraná

O ponto de partida para o estabelecimento de imigrantes europeus no Brasil foi o decreto de 25 de novembro de 1808, de D. João VI, que permitiu aos estrangeiros o acesso à propriedade da terra. Porém, o grande fluxo de imigrantes para o Brasil ocorreu entre 1888 e 1910, coincidindo, portanto com a abolição da escravatura e a implantação do regime republicano.

Aos poucos, o território paranaense foi sendo ocupado por estrangeiros de diferentes origens. Portugueses, espanhóis, ingleses e seus descendentes e também africanos – cuja presença em nosso território não dependeu de sua vontade. Mas, em meados do século XIX, o fluxo imigratório foi maior e mais diversificado, ou seja, os imigrantes procediam das mais diferentes regiões da Europa para o Paraná. (STECA, 2008, p. 25).

O objetivo da vinda desses imigrantes para o Paraná era a colonização e a formação de lavouras de subsistência para o abastecimento dos centros populosos. O objetivo do governo provincial era o estabelecimento de uma população de agricultores no vasto espaço entre os Campos Gerais, o Vale do Iguaçu e Guarapuava. Conforme Steca e Flores, buscava-se fortalecer o tripé formado pelo mate, a madeira e o gado – os principais produtos da economia da província. (2002, p. 32).

A intensa atividade colonizadora atingiu o planalto curitibano com o estabelecimento de numerosos núcleos coloniais situados próximos ao centro urbano da capital paranaense. A composição dos grupos imigrantes estabelecidos nas colônias dessa área foi bastante heterogênea, compreendendo alemães, italianos, poloneses, em maior número. Os resultados satisfatórios alcançados na colonização das cercanias de Curitiba estimularam novas iniciativas de colonização, estendendo-se o programa ao litoral e aos Campos Gerais, sendo que a primeira leva de imigrantes Italianos chegou em 1875. (BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, p. 168).

Quase todos os imigrantes italianos que entraram no Brasil na segunda metade do século XIX, embarcaram no porto de Gênova e desembarcaram na Ilha das Flores, baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Estes se dirigiram para o Sul do Brasil. Aos italianos restaram as terras mais inférteis ao longo das serras sulistas, pois as melhores terras já se encontravam ocupadas, sobretudo por imigrantes alemães. Nessas regiões, o italiano se agrupou em colônias agrícolas, muitas vezes compostas exclusivamente por italianos.

Embora tenha sido a região Sul a pioneira na imigração italiana, no final do século XIX, foi a Região Sudeste aquela que recebeu a maioria dos imigrantes. Isto se deve ao processo de expansão das lavouras de café em São Paulo. Com o fim do tráfico negreiro e o sucesso da colonização italiana no Sul, o Governo Paulista passa a incentivar a imigração italiana com destino aos cafezais.

Os imigrantes que se dirigiram para a região sul do Brasil, entre 1870 a 1920, na sua maioria eram da região do Vêneto e de suas províncias Belluno, Treviso, Vicenza, Verona, Padova, Veneza e Rovigoonde, o eixo de sua produção eram os cereais e os vinhedos.

O objetivo da vinda desses imigrantes para o Paraná era a colonização e a formação de lavouras de subsistência para o abastecimento dos centros populosos. O objetivo do governo provincial era o estabelecimento de uma população de agricultores no vasto espaço entre os Campos Gerais, o Vale do Iguaçu e Guarapuava. Buscava-se fortalecer a cultura do mate, o comércio da madeira e do gado – os principais produtos da economia da província.

O estímulo à imigração na Província do Paraná aconteceu desde cedo, já com o primeiro presidente da Província, Dr. Zacarias de Goes e Vasconcelos (...). Para os imigrantes que vinham para a Província do Paraná a porta de entrada era o porto D. Pedro II, em Paranaguá. [...] os imigrantes eram encaminhados para hospedarias existentes tanto em Paranaguá, como em Antonina e Morretes. Foi no território de Morretes, situado a cerca de cinquenta quilômetros de Paranaguá, ao pé da Serra do Mar, que os imigrantes italianos formaram os primeiros centros coloniais. (MACHIOSKI, 2008, p.5-6).

Muitos imigrantes deixaram as colônias do litoral (Nova Itália), por conta própria e seguiam em direção ao planalto de Curitiba. Eles se fixaram em novas colônias nos arredores de Curitiba, dando origem a algumas colônias como Colombo, Santa Felicidade, Colônia Dantas (atual bairro Água Verde), Timbituva (Campo Largo), São José dos Pinhais.

Segundo MIMESSE e MASCHIO (2006, p.17-19), a década de 1890 foi marcada por um grande desenvolvimento econômico nas colônias próximas a Curitiba, pois foram instaladas algumas fábricas e alguns estabelecimentos comerciais, como o moinho de fubá, a ferraria, a serraria, o primeiro forno de calcário e a primeira olaria. A população destas colônias dividia-se entre o trabalho e a religiosidade. As atividades religiosas estavam muito ligadas ao cotidiano dos moradores.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por muitas transformações econômicas, sociais e culturais na região. Embora vindos da mesma região da Itália, a trajetória dos diferentes grupos de imigrantes foi marcada por significativas diferenças.

### **1.3. A Imigração Italiana em Imbituva – Colônia Bella Vista**

As autoridades paranaenses acreditavam na vantagem de estimular a colonização europeia e como as melhores terras em volta da capital já estavam ocupadas, o governo com o intuito de acelerar a imigração, iniciou a colonização em regiões mais afastadas, sobretudo nos municípios de Palmeira, Ponta Grossa, Santo Antônio de Imbituva, São Mateus do Sul, Rio Azul, Mallet, Irati, Cândido de Abreu, União da Vitória, Prudentópolis. É neste contexto que destacamos a imigração italiana com a instalação de famílias na Colônia de Bella Vista,<sup>2</sup> interior da então Freguesia de Santo Antônio de Imbituva, em 1896. Eles chegaram, adquiriram terras e iniciaram a fundação de pequenos núcleos. Vieram famílias de imigrantes



italianos como os Bobbato, Mulleta, Pontarolo, que nas regiões mais interioranas de Imbituva formaram núcleos, como por exemplo, Colônia Bella Vista, Boa Vista, entre outras.

Nos locais onde os imigrantes se instalaram, a terra era muito fértil. Como as culturas eram semelhantes às da Europa, cultivaram cereais, verduras, vinho, entre outros. De suas colônias localizadas no interior (Bella Vista, Boa Vista), dirigiam-se à cidade (Imbituva) para a venda do excedente de sua produção e de outros produtos como manteiga, queijo, doces, ovos, entre outros. As outras duas atividades principais desenvolvidas por esses imigrantes foram o cultivo da erva-mate e a extração da madeira, atividades estas que permanecem até hoje na região como fundamentais para o desenvolvimento de nosso município.

**A Colônia Bella Vista** - Segundo MOLETTA (2007), Giacinto Moletta e sua mulher, Maria Gabardo, constituíram uma das famílias pioneiras da Colônia Bella Vista no município de Imbituva, no Paraná. A motivação para o deslocamento a esta localidade era a companhia de muitos outros italianos e a possibilidade de possuírem uma área enorme para plantio. A chegada desses italianos ocorreu em 1896.

A família Bobbato, no Paraná, se destaca com a entrada de Marziale Bobbato no ano de 1887 no Estado do Paraná. Essa família morou inicialmente na Colônia Alfredo Chaves, atual município de Colombo. Anos antes, em 1878, haviam desembarcado também em terras brasileiras Giuseppe Alessi, sua mulher Maria e os filhos Luiza, Domenico e Antonio. A primeira moradia da família foi a Colônia de Timbituva, próxima a Rondinha, no município de Campo Largo.

Marziale e Giuseppe, insatisfeitos com o local onde residiam, partiram para o interior em busca de outras terras. Marziale Bobbato e Giuseppe Alessi encontraram uma área de aproximadamente 1.800 alqueires e distante uns 15 km do núcleo urbano de Imbituva para a implantação da nova colônia.

Feita a estrutura básica na colônia foi possível iniciar o processo de recebimento de inúmeras famílias, ora mencionadas em ordem alfabética: Affornalli, Beraldo, Benanto, Bressan, Binni, DaI Santo, Dalla Rosa, Fabbris, Fabbri, Gatto, Gasparello, Guilherme, Marconato, Montani, Menon, Scorsin, Sturaro e Zampieri, entre outras, todas da região vêneta, no norte da Itália.

Em 1900 chegaram aproximadamente 40 famílias, estimando-se um total de 150 habitantes. Os colonos relatam que a terra era fértil, adequada para a plantação de arroz, batata doce, batata inglesa, cebola, centeio, feijão, fumo, melancia, milho, trigo e uva.

Por volta de 01 de março de 1925, teve início a construção da Capela do Carmo, com término em 1929, sendo que a doação do terreno foi feita pelo Sr. Eugênio Guilherme, bem como a construção de uma olaria para a fabricação dos tijolos. A primeira comissão da igreja era formada pelos senhores Antônio Alessi, Antonio Dalla Rosa, Arthur Justi, João Marconato e Geocondo Bobbato.

A comunidade progrediu e seus habitantes foram conservando e preservando a capela e suas tradições, sendo que no ano de 2010 a capela foi restaurada para manter suas formas e ornamentos originais.<sup>3</sup>



Foto 1

Foto 2

Foto 3<sup>4</sup>

## 2. Fotografia E Memória Local – experiência e prática

A implementação desta experiência foi realizada com uma turma de 40 alunos da 7ª Série do Colégio Estadual Alcides Munhoz. Adolescentes com idade entre 12 e 13 anos que em sua maioria são descendentes e/ou moradores da Colônia Bella Vista, interior de Imbituva. A aplicação do Projeto e da Unidade Didática iniciou-se no mês de agosto, com término em novembro.

Os alunos foram orientados quanto ao desenvolvimento das atividades que iriam realizar e que se daria por unidades, sendo estas referentes ao tema: Fotografia, Memória, Imigração Italiana, História Local, Colônia Bella Vista, Heranças Culturais.

Inicialmente os alunos responderam algumas questões referentes ao trabalho com fotografias, interpretaram textos sobre fotografia<sup>5</sup>, manusearam máquinas antigas (de acervo da professora), bem como completaram um quadro sobre a “História da Fotografia” e suas técnicas de obtenção. A principal atividade foi à interpretação de duas fotografias da História Local, utilizando-se de um roteiro e alguns passos sugeridos por Boris Kossoy, para sistematizar as informações colhidas pelos alunos.



Foto 4<sup>6</sup>



Foto 5<sup>7</sup>

Analisando as fotografias mais antigas da cidade e trabalhando com seus dados: a época e local das fotografias, o tema central, o estilo de roupas e acessórios usados na época, as ideias e mensagens significativas reveladas nas fotografias, valores e costumes, aspectos relacionados à história local, os alunos produziram um texto escrito e tiveram contato mais direto com a história de sua cidade, interessando-se mais por descobrir dados que ainda não conheciam. Esse interesse intensificou-se após assistirem ao filme, “Narradores de Javé”, e trabalharem questões relacionadas à importância de se resgatar a história de um povoado, de uma cidade, com as fontes que possuem, sejam elas, orais, escritas ou materiais.

Despertando no aluno o interesse por buscar acervo fotográfico em suas famílias foi pedido aos mesmos que trouxessem para a sala de aula a fotografia mais antiga que tivessem de seus antepassados e junto com ela a maior quantidade possível de informações, para depois realizar uma análise e interpretação das mesmas.

Das fotos trazidas pelos alunos, foram destacadas aquelas que mostravam aspectos relacionados à imigração italiana e alemã (etnias que contribuíram na formação da cidade). Nestas fotografias foram observados: qual o tema da fotografia, que representação do real podemos retirar dela a partir do olhar e prováveis intenções de seu autor, de que maneira o fato representado na foto contribui para a compreensão do tema Imigração Italiana e alemã, como identificar nas fotografias selecionadas elementos da história/local, tais como: a vida familiar, a religiosidade, trabalho e cultura dos imigrantes italianos e alemães.

Após a elaboração de textos com o resultado da análise das fotografias os alunos deveriam organizar entrevistas com membros de suas famílias. Entrevistariam seus avós ou a pessoa mais idosa da família para colher os seguintes dados: onde eles e os pais deles nasceram, a origem dos sobrenomes de sua família, as relações que eles têm com a história local, como era a vida cotidiana no passado, das pessoas que viviam na cidade (vestuário, alimentação, moradia, costumes, trabalho), e se a pessoa entrevistada possuía fotos, lembranças, cartas ou documentos antigos sobre a cidade. Aprenderam a escutar as pessoas entrevistadas e a registrar esses dados.

Destacamos que a entrevista é um recurso importante para construir uma história oral e, como se trabalhou com as memórias das famílias, através da fotografia, esta é imprescindível, pois conforme THOMPSON (1992, p.25): “*Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados*”.

Em suas entrevistas e na transcrição dos dados pelos alunos, estes descobriram não só a origem de suas famílias imigrantes, mas também as memórias da infância, da juventude, costumes, tradições, vivenciados por seus avós ou parentes próximos.

Os alunos passaram a analisar as imagens, fotografias, para entenderem a Imigração Italiana através da história de suas famílias. Ao mesmo tempo estudando as diferentes etnias que se dirigiram para o Paraná, os alunos que não eram descendentes de italianos também perceberam a importância de suas origens para sua história familiar e para a formação do Município, como no caso dos alemães e poloneses. Começaram a se identificar a qual grupo de imigrantes eram descendentes e como chegaram até o Brasil e a Vila de Santo Antônio de Imbituva. Muitos trouxeram de casa o relato sobre as dificuldades passadas pelos seus antepassados na vinda para a nossa Província, o Paraná, como adquiriram suas terras ou formaram sua colônia. Uma atividade bastante significativa neste momento, junto à professora de Geografia, foi à confecção de mapas da Europa e da Província do Paraná, o trajeto realizado por estas famílias de imigrantes da Itália e da Alemanha até Imbituva. E depois a confecção de textos, da mobilidade e das dificuldades pelas quais os imigrantes passaram ao decidirem morar em outro país e em nossa cidade.

Alguns alunos que não faziam parte do grupo imigrante italiano no início sentiram dificuldades, mas após trabalharmos e destacarmos os outros grupos imigratórios que também contribuíram para a formação da cidade, os mesmos sentiram-se incentivados a procurar a origem de suas famílias e como seus antepassados chegaram até Imbituva.

No desenvolvimento do tema: História Local, os alunos se aprofundaram mais no conhecimento da História de seu Município, através de slides<sup>8</sup>, de textos de livros sobre a cidade, de maneira mais detalhada através da análise de fotografias trazidas por eles próprios e pela professora. Nesta atividade os alunos identificaram as mudanças e permanências do espaço/tempo, as rupturas e permanências históricas a partir da fotografia da cidade e dos imigrantes italianos.

Partindo para uma atividade prática com os alunos, fomos visitar a Colônia Bella Vista e seus patrimônios históricos. A educação patrimonial hoje é muito valorizada no processo de aprendizagem, pois situa o aluno diante dos registros materiais e imateriais de uma sociedade.

Esta foi a atividade que proporcionou mais interatividade entre os alunos. Visitaram a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, um marco na formação da Colônia Bella Vista, o cemitério (onde estão os túmulos dos pioneiros da colônia Bella Vista) e uma casa italiana que conserva alguns móveis trazidos pelos imigrantes da Itália.

Fotos 6<sup>9</sup>Foto 7<sup>10</sup>Foto 8<sup>11</sup>Foto 9<sup>12</sup>



Os alunos que não conheciam a Colônia ficaram admirados por conhecerem patrimônio histórico tão rico em detalhes. Uma das alunas que mora nas regiões próximas a colônia, mas que ainda não tinham entrado na igreja chegou a observar: “*Nossa professora, eu moro tão perto, minha família é descendente de imigrantes, e eu não conhecia essa igreja. Como ela é linda e cheia de detalhes [...]*”. Percebe-se o quanto o aluno não valoriza o patrimônio que tem ao seu redor. Neste local, os alunos puderam perceber elementos materiais e culturais, podendo compará-los com o estudado em sala de aula.



Foto 10

Foto11<sup>13</sup>Foto 12<sup>14</sup>

Depois de observar tantos detalhes com as pinturas, a construção, os inscritos em italiano no altar, o órgão existente na parte superior, as fotos do resgate histórico, a placa de fundação, estes ficaram mais curiosos pela história da colônia. Quando visitaram a casa com objetos antigos originais dos imigrantes que vieram da Itália, pertencente a Sra. *Valdete Nelzi Mehret* (neta de um italiano que veio para o Brasil em 1898), fizeram suas comparações com os objetos atuais e com as fotografias antigas e atuais, enriquecendo ainda mais seus conhecimentos.

Após a visita a colônia e observar os objetos da casa italiana, os alunos desenvolveram a atividade de fotógrafo e expuseram em sala de aula as fotos que tiraram dos locais visitados. Analisando as fotografias antigas da colônia, de seus moradores, da igreja e de algumas casas, eles puderam comparar com as fotografias atuais e perceber as mudanças e permanências nos elementos culturais, espaciais e até econômicos que permearam a vida dos imigrantes italianos que ali se estabeleceram. Também puderam comparar os pontos comuns e divergentes dos dados colhidos com a análise das fotografias anteriores e os relatos orais de seus avós ou parentes sobre o início desta colônia de imigrantes e a formação da cidade de Imbituva.

Usando fotos “antigas” e fotos “recentes”, os alunos são capazes de compreender a transformação do espaço temporal e das sociedades, sendo assim, enquanto observador do processo histórico é capaz de refletir e interagir com este processo, alcançando condições de aprendizagem e conhecimento na compreensão da sua própria história.

Trabalhando com o tema: Memória e Cultura dos Imigrantes Italianos, os alunos já demonstravam total interesse em conhecer os usos, costumes e tradições de seus antepassados. Após a leitura e interpretação de textos sobre as heranças culturais dos italianos, de alguns autores como Zélia Gattai<sup>15</sup>, os mesmos elaboraram um roteiro de entrevista para realizar com descendentes de imigrantes (italianos, alemães ou outra etnia), bem como procurar identificar os dados colhidos nas entrevistas com as fotografias antigas e as tiradas por eles na sua atividade de fotógrafos. Eles identificaram as formas de adaptação às novas regiões de convívio, as atividades econômicas rurais e urbanas, a religiosidade, os rituais dos casamentos, as formas de alimentação com a culinária italiana – pratos típicos adaptados a vida cotidiana dos descendentes e das famílias dos alunos, que mais tarde apresentaram na etapa final do projeto. Percebemos que outras etnias acabaram incorporando estes mesmos costumes e tradições.

As entrevistas são atividades essencialmente interativas. Elas permitem recuperar trajetórias de vida e valorizar as experiências de outras gerações. Os alunos resgatam

experiências particulares, elementos da memória familiar como: os costumes e tradições da família que perpassam entre as gerações, a vivacidade e alegria nas reuniões familiares, o relato dos avôs ou parentes sobre tempos remotos, fotografias e pertences pessoais que trazem as memórias dos tempos vividos nas colônias de imigrantes e nos países de origem.

De acordo com LEITE (1998), “*O reconhecimento das fotos de família pode funcionar como um desencadeador de lembranças múltiplas e constituir, de um lado, uma forma de resgatar um passado esquecido [...]*”, ou seja, as lembranças estão no inconsciente das pessoas, esquecidas, até que algum fato ou objeto as traga de volta. Ao recordar, rever antigas fotografias guardadas em álbuns, pertences dos antepassados, as lembranças são trazidas à tona e a subjetividade é mobilizada diante da realidade passada trazida ao presente.

Revelar como os hábitos de uma comunidade se modificou, ao longo de certa temporalidade, através da fotografia, culinária, rituais, religiosidade, permitiu que fossem incorporados ao projeto diferentes recursos de ensino que deram ênfase à percepção de práticas sociais da comunidade em épocas distintas.

Como atividade final do Projeto, organizamos uma exposição, para visitação da comunidade escolar, contendo: um resumo do projeto e a explicação de alguns temas trabalhados – memória, fotografias antigas como fontes históricas apresentadas no projetor multimídia. Também mereceu destaque: a relevância das famílias na história do município e da colônia Bella Vista, réplicas de trajes típicos dos grupos que influenciaram a formação da cidade de Imbituva, as comidas tradicionais dos italianos incorporadas por outros grupos (o pão caseiro, a polenta, o macarrão, pizza, risoto, tomate seco, cucha e outros). Os alunos se apresentaram trajando roupa típica italiana, explicaram as fotografias reproduzidas e os trabalhos realizados. Expuseram também toalhas de “bróia”<sup>16</sup> e objetos originais que alguns italianos trouxeram da Itália, como livro de orações, rosários, quadros de santos, mala de viagem.



Fotos 13, 14, 15,16, respectivamente.<sup>17</sup>

Após a exposição dos trabalhos realizou-se uma atividade síntese e de avaliação com os alunos em sala de aula, sobre a aprendizagem decorrente do projeto. Nesta ocasião, destacaram-se os pontos positivos e negativos das atividades desenvolvidas pelos alunos, o entrosamento de boa parte dos mesmos na realização das atividades, como resultado do prazer despertado pelo tema – História Local e Fotografias, bem como suas relações com memória, identidade local, origem familiar.

Outro aspecto em destaque foi o entusiasmo dos alunos ao verificar que podem desenvolver atividades como um historiador, capaz de coletar dados, analisar fontes, realizar as tarefas solicitadas, construir sua própria produção e trabalhar com as imagens (fotografias), como meios de fornecer informações e representações visuais do passado em seus múltiplos aspectos.

Os alunos ao estabelecer a relação entre o documento/fonte e o ensino de História, conseguiram perceber as mudanças do espaço/tempo, as relações de poder, mudanças sociais, culturais, as rupturas e permanências históricas a partir da fotografia de imigrantes italianos ou de outras etnias e de fotografias da própria história local.

O projeto também possibilitou uma valorização maior das várias etnias que formaram nosso Estado e suas contribuições culturais ao povo imbituvense. Dessa forma, conseguiu-se com alguns alunos a formação de uma consciência preservacionista da memória histórica

local. Alguns se prontificaram a contribuir com reivindicação as autoridades locais para a criação de uma casa da memória no município, através da arrecadação de materiais históricos, mostrando com esse interesse a busca pela sua identidade e o desenvolvimento de sua cidadania local.

### 3. Considerações Finais

A possibilidade de estudo da História Regional, Local e Familiar, com novos referenciais teórico-metodológicos, possibilita um ensino de história com métodos inovadores, como o uso da fotografia, onde o aluno terá a percepção de História como prática social. A investigação da história local permite pensar a História como experiência e a História como conhecimento. É uma experiência de busca e construção conjunta de conhecimento, pois como nossa cidade cultiva uma pequena memória sobre suas origens, essa experiência sugere uma variedade de fontes (fotografias, testemunhos orais, objetos, patrimônios) que podem ser registradas e exploradas por professores e alunos da educação básica.

O estudo do tema Fotografia e Memória Local, relacionando-o a Imigração foram fundamentais para que os alunos percebessem que fazem parte da História, descobrindo suas origens e a relação de suas famílias com a História Local. A análise de fotografias familiares, as entrevistas realizadas, possibilitou aos alunos destacar a importância das fontes familiares, da memória e das narrativas produzidas por aqueles que são os guardiões das fotografias (suas famílias). Isto se dá pelo fato de que as fotografias evocam lembranças e acabam contribuindo com suas representações para a reconstrução do passado, a partir dos elementos também do presente, possibilitando a contextualização das imagens e a construção do conhecimento.

Os alunos demonstraram com seu interesse e desenvolvimento das atividades que essa metodologia de trabalhar a História é extremamente válida, pois pudemos perceber a aprendizagem real e concreta, através do estudo com fotografias, objetos, pertences pessoais e história oral, reunidos por eles próprios. Sentiram-se pertencentes a um grupo, construtores de sua própria História. Também professores e Equipe Pedagógica do Colégio atestaram a possibilidade do projeto ser utilizado como uma metodologia diferenciada para o ensino, uma possibilidade de adquirir melhor compreensão da história local/regional, com suas mudanças e permanências, de forma clara e participativa, em torno de referenciais da memória e da história.

### 4. Referências

ALVIM, Zuleika. *O Brasil italiano (1880-1920)*. In: FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999, 584 p.

BALHANA, Altiva Pilatti. et al. *História do Paraná*. v.1 Curitiba: Grafipar, 1969.

GATTAL, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 156-157.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189p.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. 2. ed.rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 173p.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. 539 p.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. Colonos morigerados e laboriosos: o papel da imigração italiana no Paraná. *Círculo de Estudos*, v.22, p.83-89, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Donos de um certo olhar: Trajetória Familiar e Imigração Libanesa no Rio de Janeiro. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p.104-138.

MOLETTA, Susete. *Da Itália para o Brasil: o casal da Capelinha da Água Verde*. São José dos Pinhais: Est. Edições, 2007, 220 p.

PALÚ FILHO, Antônio Sérgio; MOLETTA, Susete. *Italianos no Novo Mundo: história, imigração, genealogia, heráldica*. Curitiba: Edição do autor, 2009. 400p.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Superintendência da Educação. *Diretrizes Curriculares da História para a Educação Básica*. Curitiba: SEED, 2008.

PRADO, Eliane Mimesse e MASCHIO, Elaine. Imigrantes italianos nas províncias de São Paulo e Paraná: diferenças e semelhanças no desenvolvimento dos núcleos coloniais. *Revista Intersaberes – revista científica*. Curitiba. v.1, n.2. Julho/Dezembro 2006.

SILVA, Henrique M. Alguns apontamentos sobre o uso de Fotografias em Pesquisas Históricas. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.137-148, inverno 2000.

STADLER, Cleusi T. B. *Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais*. 2. ed. Imbituva: Gráfica Prudentópolis, 2005. 185p.

STADLER, Cleusi T. B. *Memórias de Imbituva – História e Fotografia*. Imbituva: ALACS, 2009. 164p.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>1</sup> Graduação - Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG (1990). Especialização - Metodologia do Ensino de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG (1998). PDE 2009 – Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Publicações: “*Imbituva – uma cidade dos Campos Gerais*” (2003) e “*Memórias de Imbituva – História e Fotografia*” (2010). Membro da ALACS – Academia de Letras, Artes e Ciências da Região Centro-Sul do Paraná. Professora do Colégio Estadual Alcides Munhoz – Ensino Fundamental e Médio e Colégio Rui Barbosa – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Rede Positivo, na cidade de Imbituva/Pr. e-mail: [cleusibobato@visaonet.com.br](mailto:cleusibobato@visaonet.com.br) e [ctbstadler@seed.pr.gov.br](mailto:ctbstadler@seed.pr.gov.br).

<sup>2</sup> *Colônia Bella Vista* é a grafia original que os primeiros colonos italianos utilizavam. Hoje se utiliza Bela Vista, grafia mais simplificada.

<sup>3</sup> Representações artísticas religiosas, retratadas no altar, no teto e nas paredes da igreja desde a sua fundação.

<sup>4</sup> **Fotos 1, 2 e 3:** Igreja Nossa Senhora do Carmo, Colônia Bella Vista, no ano de 2010, antes da restauração. Representações artísticas do teto, das paredes e do altar, inclusive com escritos em latim. Fotos da autora.

<sup>5</sup> **Textos:** *A fotografia impressiona a arte*, texto adaptado do Livro Didático Projeto Araribá – 7ª Série – Editora Moderna – p.155. *Técnica da Fotografia: procedimentos para se chegar à fotografia*, Texto adaptado do site: <http://viagem.hsw.uol.com.br/cameras-fotograficas.htm>.

<sup>6</sup> **Foto 4:** Avenida 7 de setembro em 10 de outubro de 1906. Acervo: Édison Pupo.

<sup>7</sup> **Foto 5:** Casamento realizado na Igreja Católica da cidade de Imbituva/Pr, em 1922. Acervo: Édison Pupo.

<sup>8</sup> Slides baseados nos livros “*Imbituva: uma cidade dos Campos Gerais*” e “*Memórias de Imbituva*”, publicados pela autora deste artigo. Os alunos também puderam manusear conhecer e estudar a história do município por estes livros.

<sup>9</sup> **Foto 6:** Pedra de Fundação da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Foto da autora.



---

<sup>10</sup> **Foto 7:** Lápide de um túmulo com escrita italiana. Foto da autora.

<sup>11</sup> **Foto 8:** Lápide do túmulo de um dos casais pioneiros na fundação da Colônia Bella Vista – Sr. Marziale Bobbato (na lápide com o nome Maciel Matheus) e Sra. Magdalena Milani. Foto da autora.

<sup>12</sup> **Foto 9:** Foto parcial da Colônia Bella Vista. Fevereiro de 2010. Foto da autora.

<sup>13</sup> **Foto 10 e 11:** Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo – Colônia Bella Vista. Dia 25/10/2010. Foto da autora.

<sup>14</sup> **Foto 12:** Casa da Sra. *Valdete Nelzi Mehret*. Neta de um italiano que veio para o Brasil em 1898.

<sup>15</sup> GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 156-157.

<sup>16</sup> Toalha de saco de algodão, onde se faz um barrado do próprio fio do pano e um bordado especial. Artesanato produzido pelas mulheres italianas. Fazia parte do enxoval das noivas como toalha de banho. Objeto pertencente aos descendentes dessas famílias de imigrantes italianos.

<sup>17</sup> **Fotos 13, 14, 15 e 16:** Fotos da exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos da 7ª série A, do Colégio Estadual Alcides Munhoz, no ano de 2010, no Projeto PDE: *A Fotografia no Ensino de História* - alguns aspectos em relação à Imigração Italiana, desenvolvido no Programa PDE 2009, da SEED-Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Fotos da autora.